

Três Aforismas para Michel Deguy

Marcos Siscar

1. Com Michel Deguy, a poesia nunca está só. Desde seu primeiro labor de cadastro (*Fragment du Cadastre*, 1960) até o recente treno (*A ce qui n'en finit pas*, 1995), publicado por ocasião da morte da esposa, a poesia é tratada na proximidade mais sensível do corpo, impregnada de autobiografia. A poesia está também dramatizada no corpo-a-corpo com o universo da política e da cultura, das quais ela faz parte e para as quais tem algo a dizer através de sua estranha autonomia (*Choses de la Poésie et Affaires Culturelles*, 1986 e *La Poésie n'est pas Seule*, 1988). Não por acaso, Deguy foi cooperador ou co-diretor de revistas de divulgação de coisas da poesia como *N.R.F.*, *Tel Quel*, *Critique* e *Temps de la Réflexion*. Fundou em 1964, com G. Iommi, *La Revue de la Poésie*, interrompida em 1968, e em 1977 a cosmopolita revista trimestral *Po&sie* (Éditions Belin), que dirige até hoje e que há pouco completou vinte anos.

2. Com Michel Deguy, a poesia viaja em traduções. Não obstante professor de literatura na Universidade de Paris 8 desde sua fundação, Michel Deguy é um assíduo globe-trotter, atento tanto aos U.S.A. quanto à China, tendo ido de Lisboa ao Cabo, de Manilha ao Rio de Janeiro, e de Paris a Paris, onde ainda se desloca sobre duas rodas (*Jumelages e Made in U.S.A.*, 1978 ; *Donnant-Donnant*, 1981). A poesia nasce nas suas cadernetas de

bolso não para captar exotismos (ao modo do naturalista ingênuo) nem para uniformizar as linguagens (ao modo de um vidente planetário), mas para dinamizar as trocas, os diálogos, as traduções, como se deles dependesse. Deguy, sendo poeta, é, portanto, também tradutor: de Safo, de Lucrécio, de Heidegger, de Paul Celan e de poetas americanos, aventurando-se a traduzir-se em Pessoa em dois tercetos na língua de Camões (*Jumelages*, 1978).

3. Com Michel Deguy, a poesia procura seu extremo. Fazendo sua uma questão de Pascal, a poesia resume-se assim: como ligar as duas pontas? (*La Poésie n'est pas Seule*). Declinando a lógica da figura, que está-no-lugar-de outra coisa, a poesia de Deguy dialoga freqüentemente com sua própria retórica, buscando na metáfora e seu como, no oxímoro e sua agudeza, o lugar onde poesia e pensamento possam ser um. Filósofo de formação, e ensaísta dos mais lúcidos (além dos já citados, temos: *Le Monde de Thomas Mann*, 1962; *Actes*, 1965; *Tombeau de Du Bellay*, 1973; *La Machine Matrimoniale ou Marivaux*, 1982; *Brevets*, 1986; *Arrêts Fréquents*, 1991; *L'Énergie du Désespoir*, 1998), Deguy mistura os gêneros, dando também à poesia a possibilidade de dispor a obscura verdade. Sua linguagem transita entre o lirismo e a elipse verbal, entre a figura banalizada e a densidade significante, aproximando-se da essência de um poético que coloca no mesmo espaço de tensões o universal e o cotidiano, a presença e o presente revelado pelo fato repulsivo ou pela promessa de amor.

Marcos Siscar é tradutor e ensaísta, professor de Teoria da Literatura na UNESP - São José do Rio Preto. Traduziu, entre outros, *Os Amores Amarelos*, de Tristan Corbière (Editora Iluminuras, 1996). Atualmente, prepara uma edição de poemas de Michel Deguy em português.

PROJETO DE LIVRO DOS JACENTES “PROJET DE LIVRE DES GISANTS”

Ingrédients

*S'appellera gisants; mouvement perpétuel.
Comprendra: dédicace, ingrédients, gisants, les récits, la fabrique, les lettres, citations (...)*

Ingredientes

Terá o nome de jacentes; movimento perpétuo. Será composto de: dedicatória, ingredientes, jacentes, as histórias, a fabricação, as cartas, citações (...)

MOUVEMENT PERPÉTUEL

«Je vais mourir, adieu», ainsi courait la silhouette de femme jeune de dos dans le film, rattrapée arrêtée une seconde par la main de musique croissante, mais s'arrachant vers la mort qu'elle fuit. Je vous ai précédés, escortez-moi!

— Non! Ne nous quitte pas! Ne tombe pas dans l'abîme extérieur...

Plusieurs ensemble à descendre aux enfers s'accrochant aux racines sur la pente de la voix, complorant la disparaissante, la ravie, voici le chant qu'ils entendaient, frein de foudre: le thrène célétrait la dilation du moment de mourir qu'il repassait au ralenti.

In: *Gisants*. Paris: Gallimard, 1985

SISCAR, Marcos. *Três Aforismas para Michel Deguy*

Quelle horreur? L'horreur de cet unique laps de n'en pas revenir.
Le requiem répétait cet augment de stupeur de l'impartageable,
partagé par lui le mourant et nous la pompe qui le retenons,
l'accompagnons, le refusons à la mort.

MOTO CONTÍNUO

"Vou morrer, adeus", assim fugia a silhueta de moça
de costas no filme, alcançada detida um instante pela mão de
música crescente, mas escapando para a morte que evita. Eu to-
mei a frente, vocês me guiarão!

— Não! Não nos deixe! Não se precipite no abismo
exterior...

Muitos reunidos descendo aos infernos agarrados a
raízes nas vertentes da voz, complorando a desaparecente, a rap-
tada, eis o canto que se ouvia, freio de fúria: o tremor celebrava em
camara lenta a dilatação da hora de morrer. Horror? O horror deste
lapso único de não voltar. O réquiem repetia este suplemento de
espanto do incompartilhável, fazia a partilha entre aquele que
morre e nós a pompa que o retemos, que o acompanhamos, a
quem recusamos de entregar à morte.

LES RÉCITS

Elle serait sans rien et lasse au bord de Seine hélas. Ce
devait être l'occasion de ma descente à mes enfers, je lui parlais
d'Eurydice dans l'escalier et d'Orphée au bord de la Seine perdant
Eurydice en se tournant vers elle, je me suis retourné vers toi sur
cette marche de la Seine et je t'ai perdue, alors je descendrai plus

sauvagement, je m'accuserai, ce serait l'Enfer où je descendrais, j'y aurais fait l'enfer quoiqu'il n'y eût rien d'autre que nous à entretenir, même toi tu en serais sortie, ce ne serait plus un enfer commun mais privé, isolant, et il n'y aurait eu que mon enfer, je t'aurais en me retournant perdue pour te perdre, sans y croire; qu'est-ce, que fut-ce, que s'est-il passé, je ne comprends pas — serait la phrase Orphée, je ne comprends pas ce qui s'est passé, nous étions bien ensemble, j'étais sûr de sa présence en arrière, je me suis retourné elle n'était plus là, je me suis retourné tu passais dans ta petite cellule de tôle, la «voiture», je crus, j'espérai que tu regarderais vers moi, parce que j'étais seul en avant, tu ne pouvais pas ne pas me voir, j'attendais donc qu'au passage tu me jettes un sourire avec tes doigts, mais rien, pas un regard, tu avais disparu dans ton apparition, tu ne passais pas pour moi, négligente tu m'avais négligé, je me tournai vers toi, je te vis te peigner conduisant attentive à tes seuls cheveux.

As HISTÓRIAS

Ela estaria sem nada e lassa à beira do Sena hélas.
Ocasião de descer aos meus infernos, eu lhe falava de Eurídice
nas escadas e de Orfeu à beira do Sena perdendo Eurídice ao
virar-se para ela, voltei-me para você naquele degrau do Sena e a
perdi, descerei então mais brutalmente, e me acusarei, seria um
Inferno onde eu descesse, teria feito um inferno em vida embora
só nós dois houvesse a entreter, e até você escaparia, o inferno já
não seria em comum mas privado, isolante, e apenas meu inferno
teria havido, eu a teria ao me voltar perdido para perdê-la sem
acreditar; o que era, o que foi, o que aconteceu, não consigo
entender — seria a frase Orfeu, não entendo o que houve, está-
vamos bem um e outro, estava certo de sua presença, atrás, mas

SISCAR, Marcos. *Três Aforismas para Michel Deguy*

ao voltar-me já não estava, ao voltar-me vi que passava em seu cubículo de metal, o “carro”, pensei, esperei que me olhasse, pois que caminhava sozinho à frente, você não podia não me ver, esperava assim que ao passar me fizesse um sorriso de dedos, mas nada, nem mesmo um olhar, já desaparecera em sua aparição, não passava ali para mim, negligente me negligenciara, virei-me para você, vi que se penteava atenta apenas a seus cabelos.

GISANTS

Et en même temps une sorte de paix, comme un sermon sur la terre des beatitudes américaines en jazz par une jeune femme qui tourne des yeux, tombait des relais géostationnaires et l'éternité avait pris la voix des complaintes noctambules qui parlent d'amour aux transistors des Afghans, des Uzbeks, des Guinéens, et beaucoup étaient libres, libres, libres...

— Avez-vous quelque chose à déclarer?

— Non, rien d'autre que cet amour, et même les chansons stridentes et gavées regorgent de ce lait. La nuit est une salle d'attente.

Il s'étendrait sur la banquette vide comme à la veille d'un voyage, ses oreilles emplies comme d'un patineur autistique, pour que pas un pas, de la 41e à la 79e rue, ne fût privé de cette voix, cette voix (...)

JACENTES

E ao mesmo tempo uma espécie de paz, como um sermão na terra das beatitudes americanas de jazz por uma jovem que perde suas cores, caía das estações geoestacionárias e a eternidade tomara a voz dos lamentos noctâmbulos que falam de amor

com transistores de Afeganes, de Uzbecos, de Guineenses, e muitos eram livres, livres, livres...

— Alguma coisa a declarar ?

— Não, apenas este amor, e mesmo as canções estri-dentes e empapadas se banham nas minas deste leite. A noite é uma sala de espera.

Descansaria sobre o banco vazio como às vésperas de uma viagem, suas orelhas ocupadas como que por um patinador autístico, para que nem mesmo um passo passasse, a 41° à 79° rua, ao largo desta voz, desta voz (...)

GISANTS

Aveugle, disaient-ils autrefois du poète parce qu'il transposait pour trouver; ainsi de l'extrême péripétie de l'amour aux phases jamais sculptées dont il donnait le devis à deviner. Il décrivait quelque chose comme ton sommeil incliné comme un bateau gisant sur bâbord au jusant, tes narines comme des voiles à la risée du soir, et nos manoeuvres de grément, de balancine, de beaupré, les reflets de tes astres sur ta face, le gisement des quais selon ta hanche.

— Ta hanche dans ma main droite sur le quai... tu vois que j'écris gisants pendant que tu ne dors pas.

JACENTES

Cego, diziam outrora do poeta porque transpunha para encontrar; e da extrema peripécia do amor em fases nunca cinze-

SISCAR, Marcos. *Três Aforismas para Michel Deguy*

ladas cujo custo era ao gosto. Descrevia algo como esse seu sono inclinado como um barco jacente a bombordo ao jusante, suas narinas como velas ao sorrir da tarde, e nossas manobras de aparelho, de mastaréus, de gurupés, os reflexos de seus astros em seu rosto, seu abrigo, a jazida do cais segundo seus quadris.

— Seus quadris em minha mão direita sobre o cais...
você me olha escrever jacentes enquanto seu sono não vem.

LE RÉCIT

Brait là-bas peut-être un âne — un bruit. «l'impératif», lâche le livre étrangement. Du vent tourne comme une pâtissière. La mort accroche des enfants à son porte-mâchoires. Arrime il est entre la vie et la mort. Il est là où l'indifférence a crû, le deuil a rétréci, et l'amour juré se reporte. Le pan de la benne décharge sous la polaire. Le jour ne dicte pas sa loi au sommeil. Partout cependant le voisinage est menacé.

A HISTÓRIA

Zurra ali talvez um asno — ruído. “Comparte”, diz o livro, bizarro. Vento roda como uma baiana. A morte pendura crianças em seu porta-maxilares. Amarra está entre a vida e a morte. Onde a indiferença prosperou, o luto encolheu, e a promessa de amor é adiada. A fralda do vagão despeja sob a polariade. O dia não dita sua lei ao sono. Entretanto em toda parte correm perigo as vizinhanças.

FABRIQUE

À tout prix je veux rentrer en la langue, faire don aux possibilités de dire de cet égarement vers ce qui maintenant a reçu nom de toi, ce qui s'appelle énigme — cette cour, cette lisière, ces étoffes, ces seuils de Paris où tu es bannie, et je voudrais que le poème se fasse roman pour y attirer les gestes de la cuisine, les propos de téléphone, l'emploi du vent, l'insignifiance de ce qui nous sépare de la mort; à tout prix redonner à la langue, qui en serait le tombeau, tout ce qu'elle nous donne qu'on appelle son dehors, et l'y replier, cette vie, dans un battement dont elle serait capable, dans un baroque obscur monument de son défaut, que d'autres lui reprochent; fuyant par la pensée* dans sa forêt de mots arrachés à la nuit (*bistre, carat, pointure*) et relapse avec le lexique, l'amusissement et les phrases familières, comme un concours en somme de vitesse sur les obstacles à travers le taillis, d'adresse meurrière et négligente qui halète jusqu'au blanc bas de page, de verso, au banc de repos, ouf! Et de même manière traverser en la lisant une bibliothèque à sauve qui peut ramenant des livres dans mon livre, re-sus-citant, et détruisant sans relâche pour les sauver du désastre les pages admirables impossiblement condensées dans le poème

* fuyant par exemple fuyant
le grave au cœur du plus sérieux
jusque dans ta manière de faire
un exemple assourdi dans la conversation
et rapide comme un dieu qui manque un rapt

FABRICAÇÃO

A qualquer preço quero entrar na língua, conceder às possibilidades de dizer o dom deste extravio ao que agora recebeu o nome de você, ao que se chama enigma — este pátio, esta borda, estofados, estes limiares de Paris para onde foi proscrita, e gostaria que o poema se tornasse romance atraindo para si os gestos da cozinha, as frases de telefone, o uso do vento, a insignificância daquilo que nos separa da morte; a qualquer preço dar retribuição à língua, túmulo de tudo que nos dá e que chamamos seu fora, e aí rebater esta vida com a pulsão de que for capaz, com um barroco obscuro monumento de seu erro, criticado por outros; fugindo pelo pensamento* em sua floresta de palavras arrancadas da noite (*bistre, quilate, pontura*) e relapso com o léxico, o emudecimento e as frases familiares, como uma prova em suma de velocidade sobre obstáculos através da mata, cujo destino mortífero e negligente arfeja até o branco pé de página, no reverso, o banco de repouso, ufa! E de igual maneira atravessar ao lê-la uma biblioteca num salve-se quem puder trazendo livros em meu livro, re-sus-citando, e destruindo sem descanso para salvá-las do desastre as páginas admiráveis impossivelmente condensadas no poema

* fugindo por exemplo fugindo
do grave no centro do mais sério
mesmo no modo como você mostra
um exemplo ensurdecido na conversa
e rápido como um deus que erra um rapto

APHRODITE COLLÈGUE

Moderne anadyomène des VC belle
la botticellienne dans un grand bruit de chasse
s'encadre sur la porte verte rajustant blonde
à l'électricité la tresse l'onde
et d'une manche glabre de pull
tire sur la jupe au niveau de l'iliaque

AFRODITE COLEGA

Moderna anadiômene dos VC bela
botticeliana com grande alarde de descarga
e a porta verde por moldura ajusta loura
sob a eletricidade a trança a onda
e com a manga glabra de pullover
ajeita a saia na altura do ilíaco

UNE QUESTION AU POÈME

Orgue et naseau, naseaux d'orgues silencieuses
comme il arrive aux dessins de Rubens, de Watteau
que la ligne parfaite se reprenne si bien
que plusieurs dessins d'une même chose
dessinent cette chose en surimpression d'elle-même,
cette nuit pour moi la face d'un cheval plus haut:
ruche du verbe frémir à dessiner
— l'ubiquité de bouche et de naseaux stroboscopiques —

SISCAR, Marcos. *Três Aforismos para Michel Deguy*

je cherchais le mot juste pour cette pieuvre de contours
des naseaux, je trouvais celui d'orgue
et ne savais plus dans l'échange lequel était comme

UMA QUESTÃO AO POEMA

Órgão e venta, ventas de órgãos silenciosos
como às vezes nos desenhos de Rubens, de Watteau
uma linha perfeita tão bem se recupera
vários desenhos de uma mesma coisa
desenham tal coisa com sobreposições da mesma,
esta noite para mim a face de um cavalo mais alto:
enxame do verbo *fremir* a desenhar
— ubiqüidade de boca e de ventas estroboscópicas —
ao buscar a palavra exata para este polvo de contornos
de ventas, encontrei a de órgao e nesta troca
já não sabia qual dos dois era como

DÉDICACE

Touche-moi de ta salive *Eppheta*
Que je parle que je dise de source sûre
la résille des veinules l'emballage du fémur
«bistre carat pointure»
bien assez tôt viendra le contraire de l'insomnie
Mort où est ta défaite

DEDICATÓRIA

Toque-me com sua saliva *Eppheta*
Que eu fale e que diga de fonte fidedigna
o trançado das vênulas a embalagem do fêmur
"bistre quilate pontura"
logo bem cedo virá o contrário da insônia
Morte lugar de sua derrota

LES LETTRES

(je t'écrirai donc par poèmes plus que par lettres puisque
le poème entretient, comme un destin qui s'émancipe, entre
destinataire et destinataire, et de lui on accepte qu'une vérité moins
sûre qu'il faut interpréter ménage l'obscuré vérité)

Sans cesse ce qui est là écarte et repousse
et ainsi suscite ce qui n'est pas là
les neiges du Fuji les nus de la forêt
les mineurs moribonds de Sibérie Bolivie
Et ainsi la présence repoussante offre à chaque présent
comme à Quincey la nuit le peuple de son contre-jour
le déluge, le jugement, la divine
comédie dans sa balance inégale
Tout se rappelle ici métonymie foudroyante
et sertit le présent
en éclipse d'une auréole de foudre comme
tes lèvres sphingeant le gouffre de ta voix
c'est une affaire de paix d'apurement du compte
une équation qui fait de ce moment la fin des temps

chaque sujet nombreux oeuvre secrètement
au meilleur du monde et cela fait l'enfer
et le feu paradis absorbe celui d'enfer
Si quelque chose comme l'homme existait
alors le christ, la foi et même son église
seraient possibles et fondements

AS CARTAS

(envio-lhe então antes poemas do que cartas pois o poema entretem, como um destino emancipado, entre destinador e destinatário, e dele se aceita que uma verdade menos segura a ser interpretada possa dispor a obscura verdade)

O que está aí incessante afasta e expulsa
e assim suscita o que não está aí
as neves do Fuji os nus da floresta
os mineiros moribundos da Sibéria Bolívia
E assim a presença repulsiva vem dar a cada presente
como a Quincey a noite o povo de sua contraluz
o dilúvio, o julgamento, a divina
comédia em sua iníqua balança
Tudo aqui está ligado metonímia fulminante
e engasta o presente
como eclipse de uma auréola de raio como
seus lábios esfingeando o abismo de sua voz
é uma questão de paz de acerto da conta
uma equação que faz deste instante o final dos tempos
cada sujeito muitos opera secretamente
no melhor do mundo e isto é o inferno
e o finado céu absorve o infindo inferno
Se algo como o homem existisse
então o cristo, a fé e mesmo sua igreja

GISANTS

\(Faire de gisants une résurrection. À quoi?)
Mieux vaut guérir chaque jour l'inguérissable
(Ce pontife parlait d'un esprit de résurrection)
comme un médecin de Jaffa, forcer la mort
à raffiner son mat, ce jour le même
que nous reconnaissions, comme un enfant qui se déguise
passé la surprise du réveil, sous son masque de ressuscitant
Je crois que quelque chose comme un air de résurrection
est au travail avec la mort et que c'est au poème
dont le dire emporte plus que ce qu'il enrôle
prenant les choses par les hétéronymes
de l'autre chose qu'il désire
à dire de la poésie que ce que vous lierez
en son nom sera lié sur la terre

JACENTES

(Fazer de jacentes uma ressurreição. De quê?)
Melhor seria o incurável curar a cada dia
(Este pontífice falava de um espírito de ressurreição)
como um médico de Jaffa, obrigar a morte
a refinar seu mate, este dia o mesmo
que reconhecemos, como uma criança que ao despertar
passada a surpresa, põe sua máscara de ressuscitante
Creio que algo como um ar de ressurreição
trabalha junto à morte e que cabe ao poema
cujo dizer carrega mais do que se enumera
ao tomar as coisas pelos heterônimos
da distinta coisa que deseja

SISCAR, Marcos. *Três Aforismas para Michel Deguy*

dizer da poesia que aquilo que se lê
em seu nome estará ligado sobre a terra